



FESTIVIDADE, RELIGIOSIDADE E SÍMBOLOS: OS CÓDIGOS CULTURAIS E OS MARCADORES TERRITORIAIS VINCULADOS AO CULTO DE IEMANJÁ NA PRAIA DO CASSINO/RS

FESTIVITY, RELIGIOSITY, AND SYMBOLS: THE CULTURAL CODES AND TERRITORIAL MARKERS LINKED TO THE WORSHIP OF IEMANJÁ AT PRAIA DO CASSINO/RS

FESTIVIDAD, RELIGIOSIDAD Y SÍMBOLOS: LOS CÓDIGOS CULTURALES Y LOS MARCADORES TERRITORIALES VINCULADOS AL CULTO A IEMANJÁ EN LA PRAIA DO CASSINO/RS

Valdoir Guimarães Oliveira Junior

Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Curitiba, Brasil.

valdoirjunior115@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-9699-1041>.

Juliana Cristina Franz

Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio

Grande, Brasil. julianafranz@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3556-452X>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar e identificar os marcadores territoriais e os códigos culturais referentes ao culto de Iemanjá na Praia do Cassino, localizada no município do Rio Grande/RS. Para isso, foi utilizada a abordagem cultural a partir da perspectiva da Geografia Cultural Renovada, buscando entender como o espaço-símbolo desempenha uma importante função ao preservar os aspectos materiais e imateriais responsáveis por perpetuar a cultura presente no território. Dessa forma, a partir de um estudo de abordagem qualitativa, foi possível entender que os marcadores territoriais e os códigos culturais identificados são elementos fundamentais para que o espaço geossimbólico, conformado a partir da estátua de Iemanjá, perpetue a celebração que ocorre nos dias 1 e 2 de fevereiro todos os anos, além da prática religiosa que ocorre durante o ano inteiro no mesmo local. Assim, entende-se a estátua de Iemanjá como um espaço cultural e, ao mesmo tempo, um espaço geossimbólico, já que se trata de um espaço responsável por preservar e fortalecer as identidades socioterritoriais.

Palavras-chave: Estátua de Iemanjá; Festa de Iemanjá; Geografia Cultural; Geossímbolos.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and identify the territorial markers and cultural codes related to the worship of Iemanjá at Praia do Cassino, located in the municipality of Rio Grande/RS. For this purpose, the cultural approach from the perspective of Renewed Cultural Geography was used, seeking to understand how the symbol-space plays an important role in preserving the material and immaterial aspects responsible for perpetuating the culture present

in the territory. In this way, through a qualitative approach study, it was possible to understand that the identified territorial markers and cultural codes are fundamental elements for the geosymbolic space formed from the statue of Iemanjá to perpetuate the celebration that occurs on February 1st and 2nd every year, in addition to the religious practice that takes place throughout the Year in the same location. Thus, the statue of Iemanjá is understood as a cultural space and at the same time a geosymbolic space, since it is responsible for preserving and strengthening socioterritorial identities.

Keywords: Statue of Iemanjá; Iemanjá Festival; Cultural Geography; Geosymbols.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar e identificar los marcadores territoriales y los códigos culturales relacionados con el culto de Iemanjá en la Playa del Cassino, ubicada en el municipio de Río Grande/RS. Para ello, se utilizó el enfoque cultural desde la perspectiva de la Geografía Cultural Renovada, buscando comprender cómo el espacio-símbolo desempeña una función importante al preservar los aspectos materiales e inmateriales que son responsables de perpetuar la cultura presente en el territorio. De esta manera, a partir de un estudio de enfoque cualitativo, fue posible entender que los marcadores territoriales y los códigos culturales identificados son elementos fundamentales para que el espacio geosimbólico conformado a partir de la estatua de Iemanjá perpetúe la celebración que ocurre los días 1 y 2 de febrero todos los años, además de la práctica religiosa que ocurre durante todo el año en el mismo lugar. Así, se entiende la estatua de Iemanjá como un espacio cultural y al mismo tiempo un espacio geosimbólico, ya que se trata de un espacio responsable de preservar y fortalecer las identidades socioterritoriales.

Palabras clave: Estatua de Iemanjá; Fiesta de Iemanjá; Geografía Cultural; Geosímbolos.

Introdução

A estátua de Iemanjá, localizada no final da Avenida Rio Grande, no Bairro Cassino, no município do Rio Grande/RS, foi esculpida pelo escultor rio-grandino Érico Gobbi. Com 2,10 metros de altura e aproximadamente duas toneladas, a escultura representa uma homenagem marcante à divindade. De acordo com Camargo e Calloni (2012), ao perceber a euforia da população durante a Festa de Iemanjá de 1971, o escultor decidiu esculpir uma estátua em homenagem à divindade, finalizando a obra de arte em 1973. A estátua ficou em exposição em seu ateliê até ser adquirida, em 1975, pelos umbandistas, pelo valor de 35.000 cruzeiros. No mesmo ano, a Festa de Iemanjá foi oficializada pelo Executivo Municipal.

Sucintamente, a partir de uma análise histórica, há registros de que a primeira Festa de Iemanjá em Rio Grande foi organizada em 1º de fevereiro de 1963, pelo vereador João Paulo Araújo, na Praia do Cassino. Ele foi responsável pelas despesas do evento, além de contar com a ajuda de sua esposa Nilza Araújo, que também contribuiu com a organização. Na sequência, no dia 2 de fevereiro de 1968, o Jornal Rio Grande comunicou a proposta do vereador David Manoel Gautério que sugeria a Festa de Iemanjá como um misto de folclore e religião. Ele defendia sua oficialização, argumentando que existiam cerca de 2.100 terreiros em Rio Grande, além de destacar que a celebração era a maior de todo o estado do Rio Grande do Sul.

Apesar disso, apenas a partir da Lei 5.291, de 7 de janeiro de 1999, o evento passou a fazer parte do calendário de eventos do município do Rio Grande (Camargo; Calloni, 2012; Pereira,

2016). Embora essa lei tenha sido posteriormente revogada pela Lei nº 8770, de 17 de março de 2022, que adicionou novas datas comemorativas e de conscientização no município, a Festa de Iemanjá ainda faz parte do calendário de eventos do município por meio da nova legislação. Nesse sentido, a partir da Festa de Iemanjá, parte-se da ideia de que a cultura é algo intrínseco ao território. A presença de manifestações culturais implica a criação e a transformação dos espaços geográficos, e os símbolos neles presentes reforçam a identidade dos grupos que os ocupam. Nesta ótica, os códigos culturais podem ser utilizados para entender como o sistema de símbolos permite a interpretação da cultura no espaço, além de perpetuar os grupos culturais presentes no mesmo. Da mesma forma, os marcadores territoriais surgem como possibilidades de enfatizar a originalidade do território em questão, contribuindo para o reconhecimento socioidentitário regional, além de conservar suas práticas e cultos. A estátua de Iemanjá, nesse contexto, passou a ser reconhecida como um patrimônio cultural devido ao seu significado religioso, simbólico e social.

Destaca-se que os marcadores territoriais são significativos para o processo de construção das identidades territoriais, que tem como uma das características mais importantes a dimensão histórica, de modo que o território que serve de referência "condense" a memória do grupo ao qual está vinculado (Haesbaert, 2013). Nesse sentido, os códigos culturais também são importantes para a construção das identidades territoriais, uma vez que podem ser entendidos como um sistema que orienta comportamentos e valores que são importantes para os grupos sociais.

Em vista disso, ao analisar o monumento em homenagem à Iemanjá, localizado em frente à Praia do Cassino, percebe-se que existe um conjunto de símbolos que caracteriza uma originalidade nos ritos e práticas religiosas que envolvem a celebração em homenagem à Rainha do Mar. Assim, entende-se que esse conjunto de símbolos, aliado aos diferentes códigos culturais que permitem analisar o contexto cultural presente no espaço, qualifica o espaço da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino como algo ímpar, tanto como celebração como prática religiosa.

Diante dessa contextualização, este artigo objetiva identificar os códigos culturais e os marcadores territoriais vinculados ao culto de Iemanjá, a partir da análise da estátua localizada na Praia do Cassino, no município do Rio Grande/RS. O arcabouço teórico foi construído sob a perspectiva da ótica da Geografia Cultural Renovada, a qual acrescenta novas preocupações e possibilidades de estudos sobre as diversas práticas dos mais variados grupos sociais presentes no espaço geográfico. Nessa abordagem, busca-se compreender como o espaço geossimbólico

atua para preservar o conjunto de signos, valores e aspectos imateriais e materiais que caracterizam os códigos culturais e os marcadores territoriais que embasaram a presente pesquisa.

A principal motivação para realizar este estudo deve-se à grande importância da estátua de Iemanjá para a cidade do Rio Grande, visto que o monumento se trata de um local de fé e comunhão, onde as religiões afro-brasileiras resgatam um símbolo da sua história e da sua cultura. Além disso, o monumento é um local de grande referência religiosa no município, pois, durante o ano inteiro, conta com a presença de fiéis de diversas localidades, reforçando a prática religiosa local, além de movimentar o turismo e a economia local. Ademais, destaca-se a necessidade de colocar as religiões de matriz africana e afro-brasileiras em evidência, uma vez que seus espaços de culto e prática religiosa sempre foram marginalizados no território brasileiro.

Para isso, construiu-se uma discussão teórica buscando relacionar fontes que discutem a Geografia das Festas, Geografia da Religião e Geossímbolos, no intuito de associá-las à Festa de Iemanjá e identificar os códigos culturais e os marcadores territoriais vinculados à prática religiosa na festividade. Além disso, a identificação desses elementos também pode ser caracterizada como parte da proposição metodológica, tendo em vista que se configuram como uma das principais contribuições da presente pesquisa.

A pesquisa qualitativa, adotada como eixo central do trabalho, tem como foco o sujeito, orientando-se pelas práticas espaciais e pelas formas de apropriação do espaço por meio da territorialização e da geograficidade de indivíduos e grupos sociais. Nesse sentido, busca-se o aprofundamento e a compreensão do objeto de estudo (Turra Neto, 2012).

Na perspectiva da pesquisa qualitativa, foi realizado um trabalho de campo nos dias 1 e 2 de fevereiro de 2024, durante a Festa de Iemanjá na Praia do Cassino. Nesse período, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os devotos, objetivando compreender as perspectivas e experiências desses sobre a festividade. Vale destacar que apenas uma entrevista foi realizada em um momento posterior, no dia 7 de fevereiro de 2024, na residência do entrevistador, devido à disponibilidade do entrevistado. Assim, o público-alvo das entrevistas foi composto por pessoas que praticam algum tipo de religião afro-brasileira e frequentam a Festa de Iemanjá, uma vez que, a partir disso, tornou-se possível realizar uma imersão no universo simbólico de quem vivencia os espaços de prática religiosa. Por fim, com as entrevistas autorizadas por meio do Termo de Consentimento de Participação da Pesquisa, foi

realizada a análise e a interpretação dos dados obtidos em campo, com a intenção de apresentar os resultados e associá-los à proposição metodológica da pesquisa.

Com relação à estrutura do presente artigo, a primeira seção contextualiza a abordagem cultural como possibilidade de compreender as influências dos símbolos nos territórios a partir da ideia de espaço-símbolo, ou espaço geossimbólico. Desse modo, entende-se que tanto a materialidade quanto a imaterialidade dos símbolos exercem um papel fundamental para a manutenção das culturas presentes nos territórios.

O segundo tópico do artigo aborda os códigos culturais e sua importância para visibilidade e transmissão das culturas. Nesse contexto, são considerados elementos como costumes, crenças, valores e vestimentas, que caracterizam um grupo cultural e contribuem para sua perpetuação. Esses conjuntos de práticas e costumes são constantemente produzidos e reproduzidos por grupos culturais que buscam perpetuar suas características específicas.

A terceira seção do artigo apresenta uma discussão acerca dos elementos que caracterizam o espaço geossimbólico da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino como um território ímpar. Nela, destacam-se as diferentes práticas realizadas pelos grupos que festejam e salientam a originalidade do território a partir de seus marcadores. Além de fortalecer as identidades socioterritoriais, marcadores territoriais enfatizam a pluralidade dos símbolos e significados característicos do culto em homenagem à Iemanjá no território mencionado. Por fim, são apresentadas as considerações finais e as referências.

CULTURA E TERRITÓRIO: O ESPAÇO-SÍMBOLO A PARTIR DA ABORDAGEM CULTURAL

A cultura pode ser compreendida como um sistema de representações simbólicas que se manifesta em determinado espaço. Bonnemaïson (2012) expõe que os geógrafos entendem que a cultura, ao ser traduzida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. A partir disso, pode-se afirmar que a existência de uma cultura implica a criação de um território. Desse modo, é possível expressar a relação simbólica entre a cultura e o espaço. Ao utilizar a abordagem cultural, o território passa a ser “espaço social” e “espaço cultural” ao mesmo tempo, sendo associado tanto à função social quanto à função simbólica. Todavia, há uma diferença entre o espaço social e o espaço cultural, já que o primeiro é produzido e o segundo é vivenciado, um é criado em termos de organização e de produção e o outro em termos de significação e relação simbólica.

Desta forma, os símbolos assumem uma função importante no território, em que o recurso à imagem se torna essencial para dar conta dos diversos significados que podem ser atribuídos aos símbolos presentes no espaço geográfico. Porém, apesar da imagem construir um significado importante para cada representação simbólica, as representações e vertentes mais "abstratas" também exercem influência significativa, uma vez que o divino, a espiritualidade, os sistemas de ideias, de pensamentos e de representações de crenças percorrem de forma invisível os símbolos que marcam os territórios. Entretanto, é a vertente da materialização que permite a manipulação deles, tornando visíveis e palpáveis os sinais que identificam os territórios. Quando esses símbolos podem ser visualizados na paisagem, são chamados códigos culturais materiais; quando não é possível visualizá-los, são caracterizados como códigos culturais imateriais (Claval, 2007).

Roberto Lobato Corrêa (2013) destaca os monumentos – estátuas, templos, obeliscos e colunas – como formas simbólicas grandiosas. Assim, entende-se que o monumento em homenagem à Iemanjá (Figura 1) integra a paisagem de um determinado espaço público da cidade do Rio Grande, o qual oferece um significado e uma mensagem, como destaca Corrêa (2013, posição 1300): “As instituições religiosas, por outro lado, ao construírem seus templos e outras formas simbólicas, materializam o local do culto e exibem o poder da instituição ao comunicar a mensagem religiosa proclamada, que une e identifica a comunidade de seus fiéis”.

Figura 1 - Estátua de Iemanjá em frente à Praia do Cassino/RS



Fonte: Os autores (2024).

Partindo de Rosendahl (2005), é possível compreender o sistema religioso como um sistema de símbolos sagrados e valores que podem ser analisados por diversas dimensões, tais como a dimensão econômica, política e do lugar; assim, o território está presente em todas essas dimensões. Rosendahl (1999) reforça que existem inúmeros espaços sagrados tanto fixos quanto móveis em diferentes religiões e em diversas culturas, sendo que, para a maioria das religiões, o espaço sagrado expressa-se em áreas concretas, como no caso da estátua de Iemanjá, que pode ser classificada como um espaço sagrado fixo, uma vez que o monumento possui uma localização real, situada na Praia do Cassino.

Os santuários, dentre eles, a estátua de Iemanjá do Cassino, são centros de atração dos fiéis e devem ser vistos como lugares destinados a peregrinações. A materialização que os santuários representam é resultado da sua atratividade especificamente religiosa, independentemente de quaisquer outras funções que também possam exercer (Santos, 2013). Desse modo, para Bonnemaïson (2012), essas formas simbólicas e seus sistemas espaciais são a representação “geossimbólica” que os seres humanos fazem do mundo e de seus destinos, utilizando a cultura não como algo que organiza o espaço, mas sim algo que o penetra. O autor afirma que,

[...] assim como o espaço cultural é uma realidade histórica, ele é uma realidade inscrita na terra pela soma de seus territórios. Espaço vivido por meio de certa visão e sensibilidade cultural, o território se constrói, ao mesmo tempo, como um sistema e um símbolo. Um sistema porque se organiza e se hierarquiza para responder às necessidades e funções assumidas pelo grupo que o constitui. Um símbolo porque se forma em torno de pólos geográficos representantes dos valores políticos e religiosos que comandam sua visão de mundo. Assim, entre a construção social, a função simbólica e a organização do território de um grupo humano, existe uma inter-relação constante e uma espécie de lei de simetria (Bonnemaison, 2012, posição 5377).

Nesse sentido, o espaço-símbolo — também denominado geossímbolo ou espaço geossimbólico — pode ser definido como: “um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (Bonnemaison, 2012, posição 5418). O espaço geossimbólico também pode ser compreendido como território-santuário, pois se trata de um espaço cultural que preserva um conjunto de signos e valores, associando a ideia de território à ideia de conservação cultural. Sendo assim, a abordagem cultural busca entender o espaço tanto pela sua dimensão territorial quanto pela sua dimensão histórica, considerando-o como uma realidade móvel e conjuntural. Portanto, é possível identificar a existência de um espaço objetivo — vinculado às estruturas geográficas — e de um espaço subjetivo, que corresponde ao espaço vivido e cultural, lugar dos geossímbolos. Todos esses espaços estão presentes nos diferentes níveis de percepção, num conjunto espacial harmonioso ou tenso, pois cada tipo de espaço oferece uma significação e um papel particular em cada cultura (Bonnemaison, 2012).

Desse modo, ao ser compreendida como um geossímbolo, a estátua de Iemanjá, localizada em frente à Praia do Cassino, é um elemento que qualifica um espaço cultural e religioso. A ela podem ser atribuídos diversos significados e formas de interpretação da cultura que celebra a Rainha do Mar. Na sequência, a discussão sobre códigos culturais dá ênfase a esses sistemas simbólicos.

OS SÍMBOLOS NA CULTURA: OS CÓDIGOS CULTURAIS E A ESTÁTUA DE IEMANJÁ

Os símbolos discutidos anteriormente também servem para identificar os códigos culturais presentes no espaço, uma vez que estes podem ser compreendidos como um sistema de símbolos representados por categorias separadas, mas que juntos permitem a interpretação da cultura no espaço (Franz, 2020). De acordo com Brum Neto e Bezzi (2008), esses códigos permitem a sobrevivência dos grupos culturais no espaço, além de ter como resultado a

organização de um espaço que se torna característico pela materialização dos elementos que compõem uma determinada cultura. Os códigos culturais podem ser compreendidos como

[...] os códigos culturais constituem-se na simbologia responsável pela visibilidade da cultura e, também, pela sua transmissão. Encontram-se impressos nas diferentes paisagens, através do estilo das casas, vestuário típico, arte, gastronomia, música, religiosidade e festividades. Além desses, existem outros códigos que, embora não sejam visíveis, também são responsáveis pela materialização da cultura no espaço, como aportes culturais, com destaque para os valores, ideologias e convenções. Neste processo de codificação cultural, salienta-se a comunicação, oral e escrita, como um dos códigos essenciais para transmissão e projeção da cultura no tempo e no espaço (Brum Neto; Bezzi, 2008, p. 256).

Dessa maneira, esses códigos culturais são um sistema que orienta comportamentos, valores e aquilo que é considerado moralmente importante para determinado grupo social, orientando suas ações referentes aos costumes e deveres. Dentro dos grupos culturais, as ações são guiadas por um sistema de valores, ideologias e crenças que são seguidas por seus membros. Assim, a homogeneidade dessas ações e práticas sociais passam a representar a cultura a partir das crenças comuns. Portanto, entende-se a cultura não como algo que funciona através dos seres humanos, e sim algo que é constantemente produzido e reproduzido por eles (Brum Neto; Bezzi, 2008; Cosgrove, 2012).

Cosgrove (2012) também argumenta que a cultura é um conjunto de práticas comuns a um grupo social, composta por aspectos materiais e imateriais, transmitidos através de gerações. Por fim, os códigos culturais também têm a intenção de diferenciar os grupos culturais e suas práticas.

Os códigos culturais configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. E são, responsáveis pela sua identificação, salientando as diferenças, uma vez que cada grupo cultural é permeado por um sistema simbólico de representação particular, que vão se (re)construindo no constante processo evolutivo das sociedades. (Brum Neto; Bezzi, 2008, p. 260)

Para o presente artigo, optou-se por realizar a discussão acerca de três códigos culturais considerados os mais relevantes no contexto analisado: religião/religiosidade, festividades e oferendas. Partindo da concepção de que os códigos culturais não são fixos, nem imutáveis e podem ser tanto materiais quanto imateriais. Franz (2020) afirma que

[...] a religiosidade também é um código cultural que conjuga materialidades e imaterialidades. Através dos fixos (lugares sagrados) e dos fluxos (procissões e peregrinações), a materialidade é expressa no território. A

imaterialidade se expressa pela fé, que se torna o elemento de coesão social, de busca espiritual (Franz, 2020, p. 96).

Entre os elementos materiais do código cultural religioso, destacam-se as igrejas, monumentos, templos etc. Já entre os imateriais, podem ser citados os valores e as regras que orientam a ideologia de determinado grupo cultural. A religião pode ser considerada um fator de unidade cultural, devido à crença comum, às convenções e aos ritos praticados desde o nascimento até a morte dos indivíduos que fazem parte de determinado grupo social, sendo os rituais diferentes de acordo com cada cultura. A religiosidade também orienta a conduta e as ações coletivas, configurando um padrão a ser seguido pelo grupo social praticante (Brum Neto; Bezzi, 2008; Franz, 2020).

Destaca-se que, ao compreender a estátua de Iemanjá como um espaço sagrado fixo, reconhece-se que o território sagrado em questão é marcado pelos mais variados atos de devoção e expressões de fé. Nesse sentido, o espaço sagrado fixo, embora material, também incorpora propriedades imateriais. Além da sacralidade do espaço, foi ressaltada por um dos entrevistados a importância de presença do monumento de Iemanjá em frente à Praia do Cassino como uma forma de resistência. A presença de Iemanjá na entrada da maior praia do mundo "é como se ela estivesse barrando o preconceito, o racismo religioso", como apontado pelo entrevistado Vladison.

Já o entrevistado Chendler destacou a importância da presença da estátua como uma luta contra-hegemônica, visto que se trata de um espaço que é capaz de trazer visibilidade para uma tradição e uma prática religiosa que é historicamente criminalizada, representando uma conquista da luta das religiões de matriz africana. Os santuários são centros de atração dos fiéis e devem ser vistos como lugares destinados a peregrinações. A materialização que os santuários representam é resultado da sua atratividade especificamente religiosa, independentemente de quaisquer outras funções que também possam exercer (Rosendahl 2005; Santos, 2013).

Santos (2010) destaca que as peregrinações são um patrimônio cultural para diversos povos e grupos étnicos, caracterizando-se como uma forma de expressão religiosa. A peregrinação é uma das mais antigas formas de migração humana estimulada por motivos não exclusivamente econômicos, possivelmente existente desde as primeiras religiões pré-históricas e que se mantém até hoje como uma das mais notáveis formas de expressar as crenças de determinados grupos étnicos. Por meio da peregrinação, o peregrino se expõe ao sobrenatural, procurando nas multidões peregrinas colher um pequeno pedaço do sagrado que está ou parece estar ao seu alcance. É comum ver, durante os dias em que ocorre a Festa de Iemanjá, duplas, trios e grupos

maiores se deslocando em direção ao monumento de Iemanjá em frente à Praia do Cassino. Esses peregrinos, por meio do movimento de peregrinação, buscam homenagear a Rainha do Mar, agradecer pelas graças alcançadas ou cumprir algum tipo de promessa ao orixá. A maior parte dos peregrinos costumam partir do centro urbano do município, percorrendo cerca de 22 km de distância e atravessando a RS-734 em direção ao monumento localizado em frente à Praia do Cassino. Alguns peregrinos também têm como ponto de partida o município de Pelotas, percorrendo cerca de 59 km de distância pela BR-471 e BR-392 até a chegada no monumento.

Rosendahl (2013) explora os espaços sagrados com ênfase na experiência espiritual do lugar. Dessa forma, é possível compreender os lugares simbólicos como criação da ocupação humana dos espaços, pois se utiliza dos símbolos sagrados para transformar aquele espaço em lugar. Rosendahl afirma que

A compreensão singular da experiência do lugar é marcada por momentos de transcendência, os quais, a cada tempo sagrado, expressam a ordem divina. A religião imprime uma marca na paisagem por meio da cultura. A prática religiosa – a ida ao santuário, a atividade religiosa, o comportamento dos crentes envolvendo as interações espaciais – representa uma das diversas maneiras pelas quais a religião age sobre pessoas e lugares. (Rosendahl, 2013, posição 1989)

Portanto, ao utilizar o conceito de lugar, busca-se no sentimento de pertencimento uma tentativa de explicar as maneiras em que são construídas as identidades de lugares e de pessoas como indivíduos e membros de grupos culturais. Nesse sentido, o monumento de Iemanjá, localizado na Praia do Cassino, tornou-se um ponto de convergência para a população afro-religiosa e para os devotos da deusa africana. Entretanto, apesar da celebração em homenagem à Iemanjá acontecer anualmente, as oferendas estão "aos pés" da estátua o ano inteiro (Figura 2).

Figura 2 - Estátua de Iemanjá durante a festa de Ano-Novo



Fonte: Os autores (2024)

Além disso, a comunidade também reconhece o monumento como referência para realização de diversos movimentos sociais, principalmente afro-religiosos, utilizando o espaço para dar visibilidade às suas demandas políticas, sociais e culturais. O conceito de lugar sagrado é característico da comunidade religiosa que vivencia o lugar a partir da sua experiência de fé e dos símbolos sagrados que pertencem ao grupo cultural religioso (Rosendahl, 2005; Studinski, 2021).

As oferendas não têm apenas o monumento como destino para entregas, visto que muitos trabalhos espirituais acontecem na beira da praia (Figura 3). Em seu relato, Chendler destacou que “o mar é a verdadeira morada de Iemanjá”, sendo o principal destino das oferendas para o orixá.

As forças da natureza, aquela entidade, o orixá responde pelo mar. Para nós, mais aprofundados no culto, entendemos que o lugar de levar as oferendas é na sua morada. Algumas pessoas um pouco mais sincréticas, ou não tão aprofundadas, digamos assim, no culto, mas que tem sua fé de tamanha importância, que possuem sua devoção, entendem que precisam entregar aos pés da imagem, como se a imagem em si fosse a própria representação ou o próprio orixá, aí faz a entrega aos pés dela para enxergar para quem está sendo entregue. Não existe o mais correto ou menos correto, é uma questão de compreensão e visão de mundo, para nós o mar é sagrado, as águas são sagradas. (Entrevistado Chendler, entrevista concedida em 07 de fevereiro de 2024)

Figura 3 - Oferenda na beira da Praia do Cassino



Fonte: Autores (2024)

Brum Neto e Bezzi (2008) destacam as festividades como manifestações populares de exaltação, constituindo-se em um código cultural peculiar que pode variar dependendo da cultura, pois cada uma busca exaltar os aspectos mais importantes a serem celebrados. Por se tratar de expressões próprias, as festividades envolvem elementos característicos da cultura de um grupo social específico, como músicas, danças, vestimentas, religião e gastronomia (Franz,

2020). As festividades ganharam destaque nos diversos campos do saber como sociologia, antropologia e geografia, que, a partir da década de 1990, passou a considerar o tema como objeto de estudo, analisando-o em sua "geograficidade" por meio de organizações espaciais específicas. Dessa forma, a festa, na perspectiva geográfica, possibilita descobrir signos que são apresentados como marcas que delimitam o espaço festivo. Esses signos, ao fazerem parte da organização do espaço festivo, se tornam geossímbolos (Bonnemaison, 2012), os quais possuem carga ideológica, principalmente devido ao sagrado e aos valores culturais que eles representam, estabelecendo vínculos a partir de uma identidade territorial existente entre o grupo social que festeja e o espaço (Corrêa, A. 2013).

Maia (1999) afirma que as festas populares são caracterizadas por manifestações culturais, que podem ser eventos efêmeros e transitórios, remanescendo por algumas horas, dias ou semanas. Além disso, o autor também afirma que grande parte das festas, em seu momento de ocorrência, fornece uma nova função às formas espaciais prévias que dispõem para sua realização (ponto central e entorno): ruas, praças, estádios de futebol se transformam em palcos para realização do evento, porém, não demoram muito para voltar a exercer sua função habitual. Em outras festas, reitera-se a função da forma espacial preexistente, como as festas religiosas, centralizadas em templos, igrejas, terreiros, santuários e monumentos, como no caso da Festa de Iemanjá. Nesse caso, o mar também faz parte de uma forma natural preexistente, uma vez que ele é fundamental para realização dos rituais afro-brasileiros dedicados à Iemanjá. Na noite do dia 1º de fevereiro, rituais de Umbanda, Batuque e Candomblé são realizados à beira do mar, local onde são depositadas a maior parte das oferendas realizadas pelos devotos (Studinski, 2021).

O entrevistado Vladison destacou a Festa de Iemanjá do município do Rio Grande como um momento singular na cidade, sendo uma festa tradicional, tal como o carnaval e outras festas populares. Além da questão da religiosidade, é uma festa que atrai todos os públicos, sendo um momento em que a cidade para com a intenção de contemplar a Festa de Iemanjá. Assim, não apenas as pessoas de tradições de matriz africana, mas uma boa parte da comunidade riograndina participa ou já participou do momento icônico da festa. Hermínio, um entrevistado que veio do município de Bagé/RS para participar da festa, destacou que é uma festividade de caráter popular, por se tratar de uma santa "muito querida, adorada por todos", como ele mesmo destacou.

As crianças adoram. Seja assim, mãe Iemanjá, madrinha ou dinda Iemanjá. Então, para nós, que somos umbandistas, a festa de Iemanjá é muito importante. A gente luta todo o ano para chegar nessa hora e vir para festa de Iemanjá. A gente vem de longe,

de Bagé. Então a gente luta para conseguir chegar na festa de Iemanjá. Que todos os nossos irmãos, as irmãs, que estejam todos unidos para fazer essa festa, para vir festejar junto com todos os amigos, a gente faz muitos amigos dentro da religião. Fazemos muita amizade e estamos todos juntos nesse momento fazendo muitos agradecimentos de paz e de felicidade para cada um de nós. (Entrevistado Hermínio, entrevista concedida no dia 01 de fevereiro de 2024)

Durante o diálogo com o entrevistado Chendler, também foi destacado que, apesar das religiões e tradições de matriz africana serem historicamente alvo de preconceitos, as figuras de Iemanjá e São Jorge, por exemplo, são dois ícones sincretizados que não carregam toda carga pejorativa e "demonizada", o que facilita a popularização da figura da Rainha do Mar, conquistando o coração dos adeptos e não adeptos. A Figura 4 mostra o palco de abertura oficial da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, ao lado do monumento localizado em frente à praia.

Figura 4 - Abertura oficial da Festa de Iemanjá da Praia do Cassino/RS



Fonte: Autores (2024)

Por último, as oferendas interpretadas como código cultural estão relacionadas ao ato de devoção bem como ao ato de ofertar agrados aos orixás e divindades. Por se tratar de um orixá feminino, além dos alimentos que são mais comuns nas oferendas, Iemanjá também recebe objetos como espelhos e Abêbès, como citado por Dillman e Schiavon (2015),

Nota-se uma grande quantidade de garrafas de espumantes e frutas, além de flores e oferendas diversas em bandejas decoradas com 'papel plástico'. Todas

estas oferendas estão, de alguma forma, relacionadas ao simbolismo de Iemanjá na Umbanda e no Batuque e em consonância com a mitologia africana. Portanto, fazem parte deste emaranhado de elementos: barquinhos azuis, melancias (a fruta típica dedicada à santa), velas azuis em grande quantidade, flores, perfumes, leques, espelhos. E também a oferenda típica realizada pelos batuqueiros, na praia ou no “quarto de santo” (espaço sagrado no interior da casa de religião, onde “ficam” os santos, as velas e as oferendas), geralmente formada por canjica branca, merengues e mel, entre outros elementos, um pouco variados, conforme a “nação” a qual pertence o religioso (Dillman; Schiavon, 2015, p. 161).

A figura do abèbè é representada por pequenos espelhos, normalmente acompanhados de outros acessórios relacionados à feminilidade do orixá, como brincos, colares e pulseiras. Tais objetos também simbolizam a riqueza e prosperidade que o devoto busca alcançar, já que a oferenda também materializa a relação de troca entre o orixá e o humano. Ao considerar os aspectos históricos dos cultos de matriz africana, as evidências apontam para a cidade do Rio Grande como o "berço do Batuque" e da Umbanda. Além disso, também há indícios de que o ato de realizar oferendas à Iemanjá e outras divindades tanto na praia quanto em outros locais da cidade tenha surgido antes mesmo da própria festa (Studinski, 2021). Chendler destacou que as oferendas possuem um “leque de possibilidades”, sendo algumas exclusivas para pedir algo para a divindade, outras para agradecer, para levar algo. Existe uma enorme complexidade durante o ato de oferecer, já que são muitas possibilidades. Segundo ele, a oferenda tem o papel de "atrair a energia que estou cultuando", assim, materializando o desejo e a prática religiosa, “a oferenda faz esse papel, eu vou lá para atrair a energia que estou cultuando, o que estou precisando, aí eu junto os elementos que vão manifestar aquela energia e alimento a natureza com aquilo, faço a entrega”, destacou o entrevistado. As oferendas de Iemanjá reproduzem aspectos mitológicos, tanto nos objetos quanto nos alimentos oferecidos. Essas entregas podem ser feitas em busca de auxílio em questões espirituais e materiais (Studinski, 2021).

Dillmann e Schiavon (2017, p. 285) destacam que a principal "frente" ("comida frenteada, oferecida") de Iemanjá é formada por canjica branca cozida. Bandejas com canjica branca e "bolos" de canjica são alimentos comuns no espaço em frente à estátua, junto com melancias, espumantes e sidras (Figura 5). O entrevistado André enfatizou a importância de agradecer pela saúde e pedir a proteção para pessoas queridas,

A gente sempre faz uma entrega, uma canjica, leva uma flor, tem que agradecer tudo, eu mesmo, tenho três netos e eles estão bem, estão num momento muito bom da vida, tem que agradecer pelo pão de cada dia, pelo trabalho, esse é um dos objetivos que a gente agradece a Mãe, pela saúde. Hoje to aqui com 67, muita gente foi antes, sempre to aqui pedindo proteção para mim e para os outros, pessoas queridas, que são

importantes para mim. Quando eu faço uma oferenda é para agradecer a Mãe de todos, aqueles que fazem parte da tua vida e daqueles que também não fazem, tem muita gente no hospital, passando necessidade, na cadeia, tu precisa orar por essas pessoas (Entrevistado André, entrevista concedida no dia 02 de fevereiro de 2024).

Figura 5 – Entregas em frente ao monumento no primeiro dia de festividade



Fonte: Autores, 2024.

Portanto, compreende-se que os códigos culturais da religião/religiosidade, festividades e oferendas contemplam uma realidade única dos devotos que frequentam a Festa de Iemanjá da Praia do Cassino, visto que tanto os elementos materiais quanto os imateriais discutidos nesta seção demonstram a pluralidade de significados e de sentidos que cada devoto atribui à sua prática religiosa. Na sequência, de forma complementar, foram discutidos os marcadores territoriais, que também representam uma realidade específica da festividade através de sua estrutura teórica. No entanto, eles caracterizam uma originalidade no território em questão, já que a Festa de Iemanjá, que ocorre na Praia do Cassino, se diferencia de qualquer outra festividade em homenagem à Rainha do Mar.

A ORIGINALIDADE DOS TERRITÓRIOS: OS MARCADORES TERRITORIAIS E A ESTÁTUA DE IEMANJÁ

A partir de Bonnemaision (2012), pode-se compreender a estátua de Iemanjá como um espaço cultural e, ao mesmo tempo, um espaço geossimbólico, pois trata-se de um território santuário carregado de afetividade e significados. Dessa forma, o monumento se torna um espaço de comunhão com um conjunto de signos e de valores. Assim, busca-se pensar os marcadores territoriais como elementos que contribuem para o reconhecimento socioidentitário regional, já que estão rodeados de ações, símbolos e ideias que interferem na construção das identidades socioterritoriais.

De acordo com Henriques (2004), os marcadores territoriais não possuem uma teoria estruturada que defina ou caracterize a originalidade dos territórios. Nesse sentido, esta pesquisa propôs identificar os marcadores territoriais que constituem a escultura em questão, sendo eles classificados como: marcadores simbólicos, marcadores naturais e marcadores patrimoniais. Além disso, assim como os códigos culturais, os marcadores territoriais podem ser compostos por elementos materiais ou imateriais, uma vez que ideias, costumes, comportamentos, crenças e outras subjetividades podem configurar um marcador territorial. Como analisado por Pinto (2015),

[...] os marcadores territoriais não são constituídos apenas por elementos materializados, mas também por interlocuções que remetem a práticas subjetivas que envolvem topofilias. No entanto, as identificações e relações de pertencimento, constantemente estão sendo alteradas a partir do visível, ou seja, através da fabricação de marcadores territoriais. (Pinto, 2015, p. 47)

Dessa forma, os marcadores territoriais são elementos importantes para a compreensão dos processos de construção das identidades socioterritoriais. Porém, apesar dos marcadores territoriais serem construídos a partir de elementos materiais e imateriais, é a vertente material dos marcadores que caracteriza a originalidade e a exclusividade daquele território, enquanto a vertente imaterial busca contemplar a transcendência social, ou seja, aquilo que está além do material (Pinto, 2015).

Considerando esse contexto, o primeiro marcador territorial, denominado de simbólico, busca analisar, como o próprio nome sugere, a carga simbólica da escultura em análise, já que não existe marcador que não dependa de uma carga simbólica (Henriques, 2004). Os símbolos contribuem para a construção de um espaço cultural/geossimbólico, já que estamos tratando de

um espaço repleto de significados e afetividade que representam os valores de um grupo cultural. Studinski (2021) cita alguns desses símbolos:

A festa de Iemanjá é repleta de cores, símbolos, cheiros e sons, expressos e disponíveis por meio dos rituais e tradições umbandistas e africanistas. Aتاباques e afoxés (agês, xequerês) conduzem o ritmo da celebração, não apenas durante as sessões espirituais, mas ao longo do dia. Ao longo dos dias do evento, é comum ouvir jovens e crianças tocando e cantando pontos de Umbanda ou zieras/rezas de Batuque. Durante os dias 01 e 02, muitos terreiros realizam trabalhos espirituais à beira mar, onde médiuns são possuídos pelas divindades da Umbanda, com vistas a louvar à "Rainha do Mar". (Studinski, 2021, p. 127)

Nesse sentido, as próprias oferendas podem ser caracterizadas como símbolos específicos da festividade, visto que cada uma carrega um tipo de significado conforme o desejo do devoto, ou vontade de expressar um tipo de agradecimento. O monumento em homenagem ao Orixá também possui uma carga simbólica muito importante, já que se trata do principal local de encontro dos devotos durante o período da festividade. Como destacado pelo entrevistado André, o monumento

deu uma visibilidade para a cidade, uma visibilidade para a praia, essa estátua é tudo para nós, um símbolo da nossa religiosidade, um símbolo da guerra que a gente tem no dia a dia para se manter e se estruturar como religião, um símbolo que representa a Umbanda e o culto afro, traz uma energia boa. (Entrevistado André, entrevista concedida no dia 02 de fevereiro de 2024).

Ainda sobre o simbolismo da estátua, também foi destacado que

ela é uma estátua que não tem cor que vai imitar tom de pele, ela não faz nem referência eurocentrada, nem africana, ela é uma Iemanjá neutra, em pedra natural, a gente faz essa discussão para tentar resgatar de onde vem essa divindade que se popularizou tanto a ponto de se perder o controle, se é água salgada ou doce, preta ou branca. Ela tem uma imagem própria que vai ser usada tanto pela Umbanda quanto pela Nação, Candomblé, ela ganhou o coração dos brasileiros pela sua imagem sincretizada, a mulher branca, cabelos negros, vestido azul, pérolas nas mãos. (Entrevistado Chendler Siqueira, entrevista concedida no dia 07 de fevereiro de 2024)

No segundo grupo de marcadores territoriais, os marcadores naturais representam a força da natureza e o fato de não serem controláveis pelos seres humanos. A Iemanjá recebe suas oferendas (Figuras 6 e 7), “entregas” ou “presentes” no mar, além de ser o principal local de cerimônias e encontro dos fiéis que se reúnem durante os dias da Festa de Iemanjá, caracterizando um dos marcadores naturais. Durante os dias da festa, o mar ganha um significado que representa um enorme grupo cultural e diversos sentimentos envolvidos na tradição, religiosidade e festividade. Por se tratar de um evento já consolidado, a festa acaba se tornando uma grande referência cultural na cidade do Rio Grande, mobilizando, além dos

grupos religiosos, muitos devotos leigos, curiosos e indivíduos que, independentemente da orientação religiosa, expressam uma grande fé e admiração pela Rainha do Mar (Dillman; Schiavon, 2015).

Figura 6 - Preparação das oferendas na beira do mar



Fonte: Os autores, 2024.

Figura 7 - Entregas de oferendas após trabalhos espirituais



Fonte: Os autores, 2024.

Além disso, ao ser questionado sobre a importância do mar para a festividade, Vladison destacou a necessidade de preservar a natureza e da conscientização sobre a questão das oferendas:

Nós precisamos desenvolver uma consciência de preservação, o orixá é uma divindade que manifesta toda sua força e poder em diversas coisas e uma dessas coisas é a própria natureza. Então, a questão ecológica é importante, existem inúmeras formas de presentear Iemanjá sem agredir o meio ambiente, até por que os primeiros a sofrer as consequência dos primeiros desastres somos nós mesmos, nós precisamos nos sentir como seres integrados à natureza. Ainda que o ser humano se sinta separado da natureza, por ser um ser racional, na verdade nós fazemos parte da natureza. Então precisamos preservar o mar, tomar um certo cuidado com as oferendas, preservar o mar é preservar a própria vida (Entrevistado Vladison, entrevista concedida no dia 02 de fevereiro de 2024).

O terceiro grupo de marcadores territoriais e composto pelos marcadores patrimoniais, que têm como foco observar o valor cultural da estátua de Iemanjá e da festa em sua homenagem. Studinski (2021) analisa a Festa de Iemanjá como uma "tradição inventada", que, ao longo do tempo, passou a configurar um patrimônio cultural, conforme evidenciado pela Lei estadual 12.988/2008 e pela Lei municipal 5.770/2003. Nessa perspectiva, Pereira (2014) questiona sobre as formas de preservação da festa, seja a partir de uma perspectiva cultural/religiosa, ou como um evento.

A princípio, parece ambíguo, mas não é, pois a festa a cada ano toma forma diferente, e os religiosos e frequentadores mais antigos mencionaram, em entrevista, que ela vem perdendo o caráter da fé; entretanto, é possível pensar que ela ganha novas formas de manifestar. O que deixa um “hiato”, pois como patrimônio ela deve ser observada, filmada e catalogada cientificamente, pontuando de forma seletiva o que deve ser preservado. Então o questionamento: O que preservar? Do ponto de vista dos religiosos, ou dos que cultuam a festa deve ser preservada em relação a sua forma principal de devoção, o que a torna mais complexa, pois entra a questão do imaginário e da subjetividade humana. Com o propósito de passarem para as gerações futuras uma forma homogênea de manifestação no tributo a um clamar coletivo a Iemanjá: “Salve a Senhora do Mar”! (Pereira, 2014, p. 99)

Assim, as festas religiosas são consideradas importantes devido à sua dimensão histórica e seu significado simbólico e social, o que levou a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) a criar diversas definições sobre patrimônio cultural imaterial, além de orientações para identificar, registrar e salvaguardar estes bens que podem servir como políticas patrimoniais em diversos países. No Brasil, por exemplo, foi criado o decreto 3.551/2000 sobre os registros dos bens imateriais pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) (Studinski, 2021).

Os entrevistados destacaram a patrimonialização da festividade como algo positivo, visto que é uma forma de dar visibilidade e reconhecimento às tradições de matriz africana e às festas populares. No entanto, um entrevistado deu ênfase à questão do investimento e cuidado com o espaço da festividade, principalmente para organizar uma estrutura capaz de receber os devotos de outras localidades, afirmando que o poder público poderia priorizar o financiamento da festa, visto que se trata da segunda maior festa de Iemanjá do Brasil. Foi salientado que, apesar do município possuir um grande reconhecimento pela Festa de Iemanjá, o poder público não tem dado o retorno adequado baseado na relevância da festa em âmbito municipal e estadual, dificultando questões como a de infraestrutura, divulgação das atividades que ocorrem durante o período festivo, segurança etc.

Em vista disso, os marcadores territoriais simbólicos, naturais e patrimoniais se mostraram fundamentais para entender os processos de construção das identidades e identificações socioterritoriais dos devotos que frequentam a Festa de Iemanjá da Praia do Cassino. Os aspectos que caracterizam a originalidade do território em questão, tanto em sua vertente material, quanto imaterial, são capazes de significar a experiência religiosa dos devotos junto aos elementos destacados como marcadores territoriais, uma vez que estes proporcionam uma experiência religiosa única para cada devoto, além de demarcar um território específico como referência de sua identidade, cultura e patrimônio das religiões afro-brasileiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, a partir de uma abordagem qualitativa, dissertar sobre os diversos códigos culturais e identificar os marcadores territoriais relacionados ao culto de Iemanjá na Praia do Cassino/RS, bem como analisar a relevância da estátua de Iemanjá para a continuidade das manifestações culturais na região. Dessa forma, foi possível entender a importância das representações simbólicas e a forma que elas se manifestam e assumem funções de destaque no território. Tanto na vertente material quanto na imaterial, os símbolos representam valores sagrados e uma pluralidade cultural que deve ser respeitada e celebrada pelos seus devotos e pela comunidade em geral.

Além disso, a partir dos símbolos, foi possível compreender o espaço geossimbólico como um território-santuário, uma vez que ele preserva um conjunto de signos e valores, articulando o território como uma forma de conservação cultural. Os símbolos também são base para a identificação dos códigos culturais presentes no espaço como uma forma de interpretar a cultura em questão, sendo assim, essenciais para garantir a sobrevivência dos grupos culturais e suas práticas no espaço. Assim, esses códigos são responsáveis por orientar comportamentos, valores e aquilo que é importante para a perpetuação de determinado grupo no espaço.

Desse modo, este artigo procurou dar enfoque aos estudos da religião e da festa sob uma perspectiva cultural, destacando as principais manifestações que caracterizam o culto à Iemanjá e os códigos culturais que garantem a visibilidade e a transmissão das tradições. Dessa maneira, os códigos culturais também destacam aquilo que é importante moralmente para cada grupo cultural, evidenciando suas diferenças em relação a outros grupos e reforçando suas práticas e tradições. Portanto, ao compreender a estátua de Iemanjá como um espaço cultural e, ao mesmo tempo, um espaço geossimbólico, buscou-se pensar os marcadores territoriais como elementos que representam a originalidade do território em questão, sendo eles símbolos que fazem parte da construção das identidades socioterritoriais locais. Assim, destaca-se a carga simbólica contida nos marcadores selecionados, uma vez que são eles os responsáveis pela construção do espaço cultural e os significados atribuídos a ele pelos grupos culturais.

Por fim, vale destacar que os códigos culturais e os marcadores territoriais adotados para realização da presente pesquisa não esgotam as opções de análise sobre o monumento em questão, tampouco limitam a perspectiva geral sobre a Festa de Iemanjá. Apesar da perspectiva adotada para a realização deste trabalho ser a da Geografia Cultural Renovada, as discussões

realizadas não esgotam as possibilidades de análise sobre a estátua de Iemanjá ou sobre a Festa de Iemanjá sob a ótica de qualquer ciência.

Agradecimentos

O presente artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande (PPGGEO/FURG), na linha de pesquisa Análise urbano-regional, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior (CAPES), a qual expresse meus agradecimentos pelo financiamento e possibilidade de desenvolver a pesquisa.

Referências

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Decreto nº 3.551/2000, de 4 de agosto de 2000. **Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências**. Brasília, DF, 2000.

BRUM NETO, H.; BEZZI, M. A materialização da cultura no espaço: os códigos culturais e os processos de identificação. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 33, n. 2, p. 253-267, 2008.

CAMARGO, T. G.; CALLONI, H. O sagrado e o profano presente na festa de Iemanjá: uma leitura possível de educabilidade ambiental. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 28, p. 344-356, 2012. DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v28i0.3140>

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3.ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 453p.

CORRÊA, A. M. “Não acredito em deuses que não saibam dançar”: a festa do candomblé, território encarnador da cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: uma antologia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

CORRÊA, R. L. Monumentos, política e espaço. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Vol. 1. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

DILLMANN, M.; SCHIAVON, C. “Vou levar flores no mar”: referências religiosas, culturais e patrimoniais nas festas de Iemanjá das praias do Cassino e do Laranjal no Rio Grande do Sul. **Revista Memória em Rede**, v. 7, n. 13, p. 157-171, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15210/rmr.v7i13.6313>

DILLMANN, M. SCHIAVON, C. G. B. "É só um agradecimento pelo que os Orixás e os espíritos fazem por nós": patrimônio e religiosidade afro-brasileira na festa de Iemanjá no Sul do Brasil – Rio Grande/RS. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** V.6, Dossiê: Religiões e Religiosidades na Modernidade Tardia, p. 269-298, Dez, 2017.

FRANZ, J. **Imigração e colonização alemã no Vale do Taquari/RS**: as descontinuidades e as continuidades do processo de identificação territorial. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Ciências Naturais e Exatas. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Santa Maria-RS, 2020.

HAESBAERT, R. Identidades Territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural**: uma antologia. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HENRIQUES, I. A materialidade do simbólico: marcadores territoriais, marcadores identitários angolanos (1880-1950). **Textos de História**, v. 12, n. 1-2, p. 9-41, 2004

MAIA, C. Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, R. L. (Org.) **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 191-218.

MUNICÍPIO DO RIO GRANDE. Prefeitura. Lei nº 5291 de 07 de janeiro de 1999. **Institui o calendário de eventos do município e dá outras providências**. Rio Grande, RS: Gabinete do Prefeito, 1999. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/lei-ordinaria/1999/530/5291/lei-ordinaria-n-5291-1999-institui-o-calendario-de-eventos-do-municipio-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MUNICÍPIO DO RIO GRANDE. Prefeitura. Lei nº 8770 de 17 de março de 2022. **Consolida as leis que dispõem sobre datas comemorativas e de conscientização do município do Rio Grande**. Rio Grande, RS: Câmara Municipal, 2022. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/r/rio-grande/lei-ordinaria/2022/877/8770/lei-ordinaria-n-8770-2022-consolida-as-leis-que-dispoem-sobre-datas-comemorativas-e-de-conscientizacao-do-municipio-do-rio-grande>. Acesso em: 22 abr. 2024.

PEREIRA, R. A. TRIBUTO A IEMANJÁ: FESTA RELIGIOSA NA PRAIA DO CASSINO-RIO GRANDE/RS-BRASIL. **Revista Geografar**, v. 9, n. 2, p. 84-103, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5380/geografar.v9i2.35671>

PEREIRA, R. A. **O portal do guerreiro**: as espacialidades da Umbanda na cidade de Rio Grande/RS. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba-PR, 2016.

PINTO, M. **A identidade socioterritorial Missioneira na cidade histórica de São Borja - RS**: as hegemonias de poder sobre uma identidade tradicional enraizada entre antigas Reduções Jesuítico-Guarani. 2015. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

ROSENDAHL, Z. O Espaço, o Sagrado e o Profano. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Robelto L. (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 231-247.

ROSENDAHL, Z. Território e Territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: Temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 191-226.

ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs). **Geografia cultural: uma antologia**. Vol. 2. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SANTOS, M. da G. M. P. Conhecimento geográfico e peregrinações: contributo para uma abordagem teórica. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.145-187, 2010.

SANTOS, M. da G. M. P. Os santuários como lugares de construção do sagrado e de memória hierofânica: esboço de uma tipologia. In: CORRÊA, R.L., and ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia [online]**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013, vol. 2. ISBN 978-85-7511-439-1. Edição Kindle, p.185-210.

STUDINSKI, M. **Um mar enfeitado de flores: a Festa de Iemanjá da cidade do Rio Grande/RS sob a ótica da imprensa local (1975-2005)**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande-RS, 2021.

TURRA NETO, N. Pesquisa Qualitativa em Geografia. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 16., Belo Horizonte-MG, 2012. **Anais...** Belo Horizonte-MG, 2012, p. 1-10.